



O ENVOLVIMENTO DOS EUA NO SUDESTE ASIÁTICO (I)

Antonio Sergio Geromel

O presente artigo é o primeiro de uma série de três em que o jovem autor, com narrativa atraente, estilo reportagem, examina o envolvimento dos Estados Unidos no Sudeste Asiático. Desta feita, como moldura, ele aprecia a colonização francesa da Indochina, a "Guerra da Indochina" e o período que antecedeu imediatamente a "Guerra do Vietnã."

A península da Indochina, região do sudeste asiático abrangida pelo Vietnã, Laos, Cambodja e Tailândia (Fig. 1), com cerca de 1,3 milhão de quilômetros quadrados (pouco mais que o antigo estado de Mato Grosso), é um verdadeiro caldeirão de lutas, que permanece em ebulição há mais de dois milênios; aquecido pelas múltiplas ocupações estrangeiras e por conflitos étnicos. Sua posição estratégica, entre os Oceanos Índico e Pacífico, é um dos principais fatores que condicionam essa convulsão permanente.

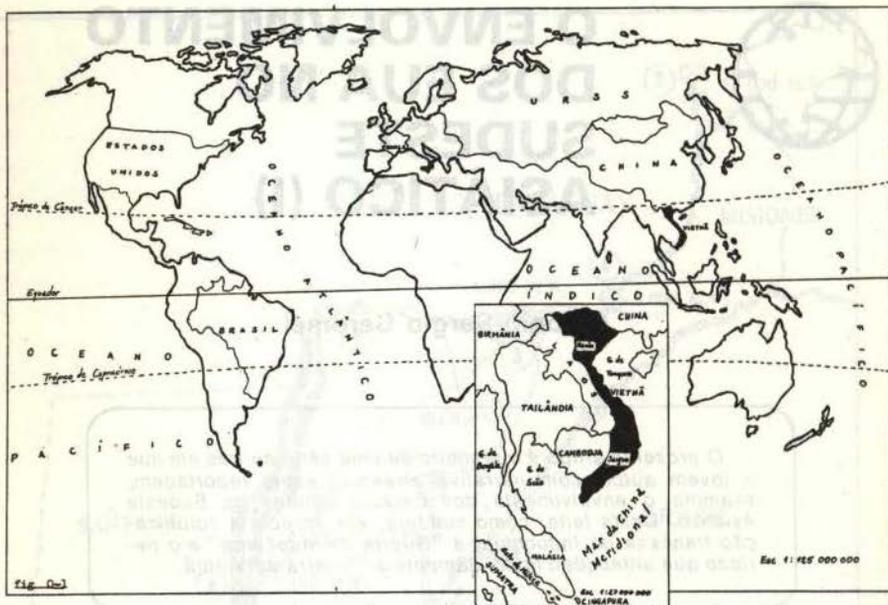
Na era contemporânea a região adquiriu grande peso geopolítico com a Guerra da Indochina (1946-1954) e, posteriormente, com a Guerra do Vietnã (1961-1975), tornando-se, decisivamente, com essa última, foco de atenção mundial.

Trataremos aqui do envolvimento dos EUA no sudeste asiático, particularmente no Vietnã (Fig. 2), iniciado ao término da Segunda Guerra Mundial, intensificado durante a Guerra da Indochina e culminado com a Guerra do Vietnã. Para uma melhor compreensão, nosso relato terá início com a colonização francesa da Indochina no século XIX.

INTRODUÇÃO

Hoje, passados mais de dez anos da retirada das tropas americanas do Vietnã, ainda é difícil analisar

se foi equivocado ou não o envolvimento dos EUA naquele país; mas, tem-se a certeza de que, por vezes, foi conduzido desastrosamente. O *New York Times* comparou o Exército



americano, a implantar a democracia no Vietnã, com um carpinteiro costurando um vestido.¹

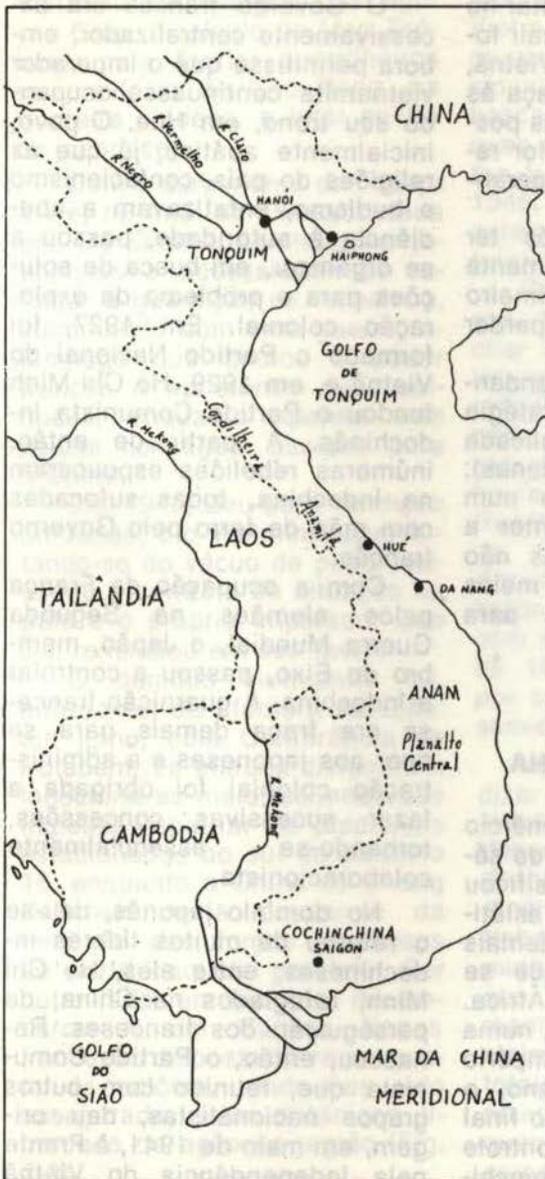
O sangrento conflito, mercê de sua ambigüidade e ferocidade, associadas à expansão dos meios de comunicação de massa (em particular a TV colorida) e à louvada liberdade de imprensa norte-americana, alcançou extremos índices de impopularidade no Ocidente, particularmente nos próprios Estados Unidos, ocasionando profundas feridas na alma do país.

Mesmo a visão heróica de "Os Boinas Verdes" não conseguiu sensibilizar a opinião pública americana. O filme culmina com o *The End* aparecendo na tela, tendo como cenário um crepúsculo avermelhado no

Vietnã, quando o *mariner* John Wayne pousa a mão sobre o ombro de um órfão vietnamita e lhe diz mais ou menos assim: "Nós cuidaremos de você. A principal razão disso tudo é você...!"

São ilustrativos, sobre o envolvimento americano no sudeste asiático, os depoimentos abaixo, de proeminentes personagens da época:

John Kennedy (como candidato vitorioso à presidência dos EUA, sobre os conflitos no Laos, que antecederam a Guerra do Vietnã): "Aconteça o que acontecer no Laos, uma invasão americana, uma vitória comunista, o que for, gostaria que acontecesse antes que eu assumisse e levasse a culpa."²



VIETNÃ

Fatores fisiográficos:

- Área de 329.556km².
- Jazidas de carvão, ferro, estanho e zinco.
- Ao norte (Tonquim) o delta do R. Vermelho é enquadrado por altas montanhas; ao centro (Anam) desenvolve-se a Cordilheira Anamita, que desce para as planícies costeiras de leste e para o Planalto Central a oeste; ao sul (Cochinchina) o R. Mekong forma um grande delta.
- Os rios principais são o Vermelho, o Negro e o Claro, ao norte, e o Mekong ao sul.
- Clima tropical úmido.
- Densas florestas tropicais em grande parte do território.
- Reservas de petróleo na plataforma continental, ainda inexploradas.

Fatores psicossociais:

- País formado por civilizações de origem chinesa, ao norte, e hindu ao sul.
- Durante séculos vassalos dos chineses, seus tradicionais inimigos, os vietnamitas conseguiram a unificação do país em 1802, com o auxílio dos franceses.
- Tribos montanhesas como os tais, meos, muongs e nungs constituem minorias étnicas hostis aos vietnamitas.
- O budismo é a religião predominante, mas o taoísmo e o confucionismo também são expressivos.
- População concentrada principalmente em torno de Hanói e Haiphong, no delta do R. Vermelho, em Hué e Da Nang no litoral central do país e em torno de Saigon, no delta do R. Mekong, lugares onde o arroz, alimento básico nacional, é intensamente cultivado.

John Kennedy (como Presidente dos EUA, depois de ter dado início à escalada militar no Vietnã): "Se eu tentasse cair fora completamente do Vietnã, agora, iríamos ter outra caça às bruxas tipo Mc Carthy, mas posso fazer isso depois que for reeleito. Por isso é melhor garantirmos minha reeleição."²

Lyndon Johnson (após ter iniciado a guerra propriamente dita): "Não vou ser o primeiro presidente americano a perder uma guerra."²

Vo Nguyen Giap (comandante vietnamita, sobre a estratégia revolucionária de Mao, aplicada contra as forças americanas): "O inimigo será colhido num dilema. Ele tem de manter a guerra para vencê-la mas não possui, por outro lado, meios psicológicos e políticos para uma guerra prolongada."³

A COLONIZAÇÃO FRANCESA DA INDOCHINA

Buscando vias de comércio com a China, em meados do século XIX, a França intensificou sua presença no sudeste asiático, concorrendo com as demais potências colonialistas que se instalavam na Ásia e na África. Envolveu-se, desde então, numa guerra feroz com o Império Vietnamita e seu suserano, o Império Chinês, mas, já no final do século, assumiu o controle de toda a Indochina: Cochinchina, Anam e Tonquim (respectivamente, o sul, o centro e o nor-

te do Vietnã), Cambodja e Laos (Fig. 2-1).

O Governo francês era excessivamente centralizador, embora permitisse que o Imperador vietnamita continuasse ocupando seu trono, em Hué. O povo, inicialmente apático, já que as religiões do país, confucionismo e budismo, enfatizavam a obediência à autoridade, passou a se organizar, em busca de soluções para o problema da exploração colonial. Em 1927, foi formado o Partido Nacional do Vietnã e, em 1929, Ho Chi Minh fundou o Partido Comunista Indochinês. A partir de então, inúmeras rebeliões espoucaram na Indochina, todas sufocadas com mão de ferro pelo Governo francês.

Com a ocupação da França pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, o Japão, membro do Eixo, passou a controlar a Indochina. A guarnição francesa era fraca demais para se opor aos japoneses e a administração colonial foi obrigada a fazer sucessivas concessões, tornando-se essencialmente colaboracionista.

No domínio japonês, deu-se o retorno de muitos líderes indochineses; entre eles, Ho Chi Minh, refugiados na China, da perseguição dos franceses. Renasceu, então, o Partido Comunista que, reunido com outros grupos nacionalistas, deu origem, em maio de 1941, à Frente pela Independência do Vietnã (Vietminh), movimento de resistência que almejava a libertação

e a unificação do país. Uma das primeiras medidas tomadas pelo Vietminh foi designar Vo Nguyen Giap, discípulo de Mao Tsé-tung, para formar guerrilheiros na província de Cao Bang, na fronteira chinesa, e lutar contra os japoneses.

Com o surgimento da França Livre, no final de 1944, liderada por De Gaulle, sentiram os japoneses a necessidade de reforçar a guarnição da Indochina, culminando com uma guerra relâmpago que anulou o poder francês e aprisionou seus soldados, enquanto apenas uma coluna conseguiu escapar para a China.

Em 1945, deu-se a rendição do Japão, e o Vietminh, aproveitando-se do vácuo de poder, assumiu o controle da situação no país e o próprio Imperador Bao Dai renunciou em seu favor.

O domínio vietnamita foi, entretanto, de efêmera duração: em julho, pela Conferência de Potsdam, os aliados dividiram a Indochina ao meio, cabendo aos ingleses repatriar os japoneses estacionados ao sul do paralelo 16, enquanto a China de Chang Kai-chek devia ocupar-se da rendição das forças japonesas ao norte daquele paralelo. Por outro lado, em outubro, desembarcaram em Saigon tropas francesas dispostas à reconquista da colônia, tendo-lhes sido assegurada, pelos britânicos, liberdade de ação na região (Fig. 2-2).

A situação ficou confusa no sul, ocasionando conflitos sin-

gulares, já que envolveram os britânicos e franceses aliados aos japoneses, combatendo o Vietminh. Foi a primeira das guerras modernas não convencionais, caracterizada por emboscadas, assassinatos e ataques relâmpago. Essas sangrentas lutas duraram até maio de 1946, quando os britânicos deixaram a área, entregando seu total controle aos franceses.

Quanto ao norte, os franceses temiam que se pudesse criar ali uma fachada de estabilidade suficiente para atrair o reconhecimento aliado, ocasionado pelo fato de que, em 2 de setembro de 1945, Ho Chi Minh havia proclamado, em Hanói, a República Democrática do Vietnã. Após acordo com Chang Kai-chek entraram na área, protagonizando violentos conflitos com o Vietminh mas, em março de 1946, já tinham substituído por completo os chineses e assumido o controle da situação.

Num parênteses, é preciso dizer que juntamente com as tropas britânicas e chinesas, desembarcaram também na Indochina, no pós-guerra, equipes americanas enviadas para um trabalho de prospecção econômica e doutrinação política, no que seria o início do envolvimento dos EUA na área. Inicialmente, os americanos eram totalmente contrários à recolonização francesa, pelo menos quando ainda não julgavam o comunismo uma ameaça na região, tendo, inclusive, supostamente, ajudado o movimento de

A GUERRA DA INDOCHINA

A campanha do Vietminh contra os franceses é um excelente exemplo da estratégia de Mao Tsé-tung (modelo chinês da concepção marxista-leninista) posta em prática, com a ação principal desencadeada nas áreas rurais. Entretanto, é preciso citar que, inicialmente, nos anos de 1945 e 1946, Ho Chi Minh serviu-se também do modelo ortodoxo russo, tendo a guerrilha urbana como ação principal em Hanói e Haiphong, com greves, manifestações populares nas ruas, atentados a bomba e assassinatos.

Giap, o estrategista do Vietminh, havia aprendido com Mao, nos tempos em que permaneceu como refugiado político na China, os princípios da guerra revolucionária e já os tinha aplicado em pequena escala na luta contra os japoneses. Segundo Mao, as operações de guerra revolucionária devem constar das seguintes fases: a fase da organização, a fase da guerrilha e a fase da guerra móvel.

Após o insucesso do levante de dezembro de 1946, Giap voltou à mobilização das massas, 1ª fase, conseguindo a lealdade das aldeias, pelo medo, mas também pelo estímulo ao sentimento nacionalista, educação política, melhoria das condições de vida e formação das milícias aldeãs. Rapidamente, o Vietminh passaria à 2ª fase: a guerrilha.

Nos seus primeiros anos, de 1946 a 1949, apesar do considerável dispêndio de vidas de ambos os lados, a guerra se resumiu às atividades guerrilheiras do Vietminh, enquanto os franceses adotavam uma estratégia essencialmente defensiva. Eram constantes as emboscadas do Vietminh contra patrulhas e comboios, nos deltas dos rios Vermelho e Mekong (concentração do grosso das forças francesas) e ao longo da Rota Colonial 4, na fronteira chinesa (onde os franceses mantinham fortalezas bem guarnecidas). Assassinatos de governadores franceses e de seus colaboradores indochineses também eram comuns.

Apesar da natureza dos combates, o Exército francês mantinha o moral elevado, devido, em grande parte, ao fato de sua tropa ser totalmente regular, com a maioria de voluntários, onde se destacava a Legião Estrangeira.

A vitória de Mao sobre os nacionalistas de Chang Kai-chek, na China, no final de 1949, mudou radicalmente o panorama da guerra. A partir daí e apesar da milenar hostilidade entre vietnamitas e chineses, o Vietminh passaria a contar com um forte aliado, que lhe forneceria consultoria, treinamento, armas e suprimento, rompendo o monopólio dos franceses quanto ao acesso a equipamento pesado e suprimentos.

Em fevereiro de 1950, Giap anunciou o fim da 2ª fase da es-

tratégia de Mao, dando início à guerra móvel. Em maio, iniciou os ataques contra as fortalezas na RC-4 (Dang Khe e Cao Bang eram as principais) e, em outubro, já controlava quase toda a região ao norte de Tonquim (Fig. 3-1). A queda das fortalezas foi um verdadeiro desastre para os franceses, que tiveram suas tropas dizimadas na malograda retirada de Cao Bang.

No princípio do ano seguinte, Giap iniciou o próximo passo, uma ofensiva geral contra as defesas do delta do rio Vermelho, onde a França possuía seu maior poderio militar. Entretanto, encontrou os franceses de ânimo novo, nascido com a chegada do General De Lattre de Tassigny, designado como comandante-chefe, após o desastre de Cao Bang.

Derrotado nas batalhas de Vinh Yen (janeiro), Mao Khe (março) e Rio Day (maio-junho), com a perda de 9.000 homens, Giap retornou ao Viet Bac. Os "grupos móveis" (unidades mistas criadas por De Lattre), a linha De Lattre (fortificações que guarneciam o delta) e o bombardeio com napalm detiveram o Vietminh (Fig. 3-2).

Em setembro, Giap iniciou um avanço em direção ao oeste, encarado como sério perigo pelos franceses, já que ameaçava levar a guerra às terras do povo tai (montanhese aliados), a um passo da fronteira com os Laos.

O Exército francês tentou cercear o movimento de Giap e

travaram-se violentas lutas em Hoa Binh. O esforço dos franceses, agora comandados pelo Gen Raoul Salam (De Lattre, vítima de câncer, retornara a Paris), foi em vão: em outubro de 1952, Giap venceu as resistências na cordilheira de Nghialo, em Van Yen e em Gia Hoy, estabelecendo linhas de suprimento até o Viet Bac (Fig. 3-3). Salam ainda tentou uma incursão visando a romper o abastecimento Vietminh e recuperar a cordilheira de Nghia-lo, protegendo a fronteira com o Laos; mas, apesar de um imenso custo humano e material, não obteve êxito. Encerrava-se assim a fase da guerra que ficou conhecida como a Batalha de Tonquim, episódios ocorridos de 1950 a 1952.

Em abril de 1953, Giap iniciou uma ofensiva em direção ao Laos, o que lhe permitiria evitar as defesas do delta do rio Vermelho e, possivelmente, o deixaria em condições de avançar para o sul, rumo ao delta do rio Mekong. Apoiado pelo Pathet Lao, o Partido Comunista do Laos, penetrou fundo em território laociano e só iniciou a retirada em função das dificuldades de suprimento e pela ação militar francesa, já nas proximidades da capital real Luang Prabang.

Em maio o Gen Henri Navarre assumiu o comando francês, em substituição ao Gen Raoul Salam. Já nessa época, havia sido criado o Exército Nacional Vietnamita, em decorrência da

unificação do Vietnã, agora ocupando a posição de Estado Associado Independente da União Francesa, sob o governo do ex-Imperador Bao Dai. Com a criação do Exército do Vietnã os franceses iniciaram planos para se desonerarem da guerra, pois não vislumbravam uma vitória militar a curto prazo.

A preocupação dos americanos, quanto à sorte dos franceses no sudeste asiático, havia crescido com a vitória dos comunistas na China e posteriormente com a eclosão da Guerra da Coréia, em junho de 1950. A partir de então, os EUA vinham enviando assessores, armas e dólares à Indochina, culminando com uma escalada iniciada pelo presidente Dwight Eisenhower, em 1953, após o agravante da situação dos franceses. Justificou-se assim Eisenhower, ao solicitar maiores verbas ao Congresso americano: "Bem, suponhamos que perdemos a Indochina. Disso derivariam várias conseqüências. A península dificilmente seria defensável. O estanho e o tungstênio dessa região, cuja importância reconhecemos, deixariam de chegar até nós. Por isso, quando os Estados Unidos votam 400 milhões de dólares para essa guerra, não se trata de um problema de liquidação. Votamos no meio menos custoso para impedir algo que seria terrível para os Estados Unidos da América, para nossa segurança, para nosso poder e para nossa capacidade de obter, das riquezas da Indo-

china e do sudeste asiático, algumas coisas de que necessitamos." Palavras que resultaram no primeiro grande empurrão no envolvimento americano no sudeste asiático.⁴

A Operação-Castor, planejada por Navarre para reocupar Dien Bien Phu, teve início em novembro de 1953. O pequeno povoado, localizado estrategicamente na fronteira com o Laos, uma vez fortificado, serviria, segundo Navarre, como parte de uma ação preventiva contra nova penetração do Vietminh naquele país, em direção ao Mekong. Navarre acreditava que o Vietminh não disporia de recursos para atacar uma base fortificada, distante de sua fonte de suprimentos no Viet Bac e na China.

Apesar de cientes da ajuda chinesa, os franceses não levaram em conta que a partir de julho de 1953, com o término da Guerra da Coréia, essa ajuda tinha sido aumentada substancialmente.

Em 31 de março de 1954, Giap atacou Dien Bien Phu e, rapidamente, conquistou principais posições francesas. O poderio da artilharia Vietminh surpreendeu os franceses e o moral da guarnição entrou em decadência. Em duas semanas as defesas francesas já apresentavam sinais de deteriorização.

Com o agravamento da situação cogitou-se de conseguir a ajuda direta dos EUA, que já financiavam 80% das despesas

militares francesas, através de maciços ataques aéreos e mesmo usando bombas atômicas, mas esse apoio malogrou e, no final de abril, Dien Bien Phu era praticamente insustentável.

A derrocada final começou no dia 6 de maio, com um impiedoso bombardeio Vietminh e, no dia seguinte, sem outra alternativa, os franceses decidiram cessar fogo. A batalha estava perdida para a França e o saldo de mortos foi assustador: 2.000 homens da guarnição francesa e 8.000 atacantes (Fig. 3-3).

Embora a luta entre o Vietminh e os franceses também se

desenvolvesse em outras frentes, o fim da batalha de Dien Bien Phu significou o fim da guerra, já que os franceses perderam o ímpeto de continuar lutando. Outro fator que apressou o término da guerra foi a sua impopularidade na França.

Depois de algum tempo de negociações, finalmente, foi assinado o Acordo de Genebra, em 21 de julho, praticamente encerrando a longa permanência dos franceses no sudeste asiático. Giap, o estrategista Vietminh, ganhara sua primeira guerra, mas outra muito mais cruel ainda estava por vir. Preparava-se o cenário para o pesadelo americano.

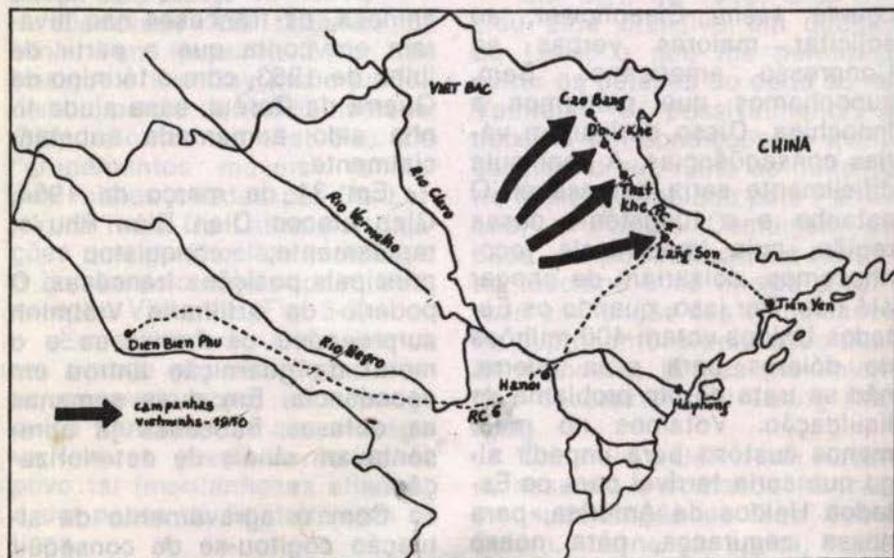


Figura 3-1

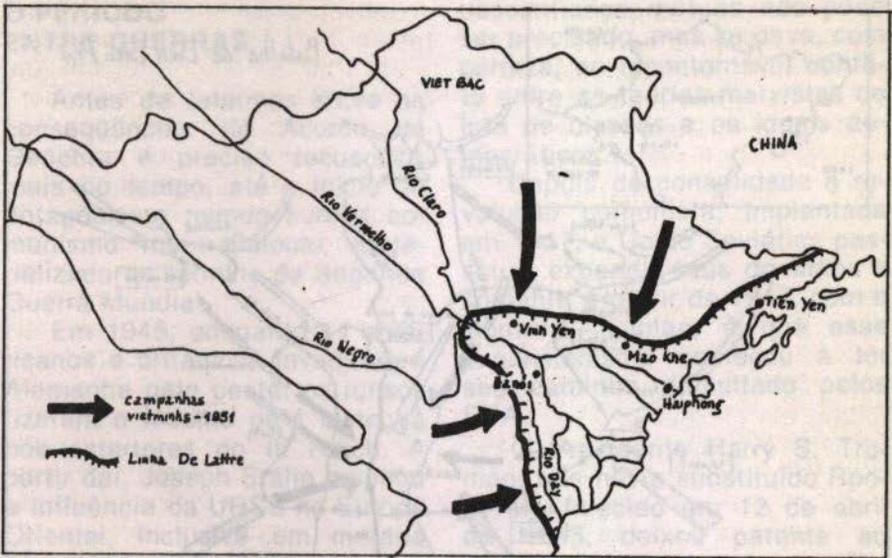


Figura 3-2

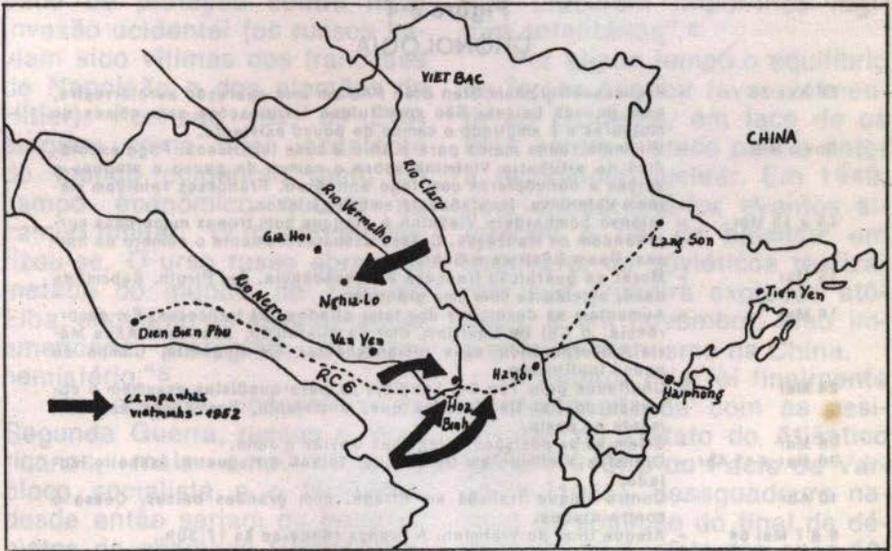
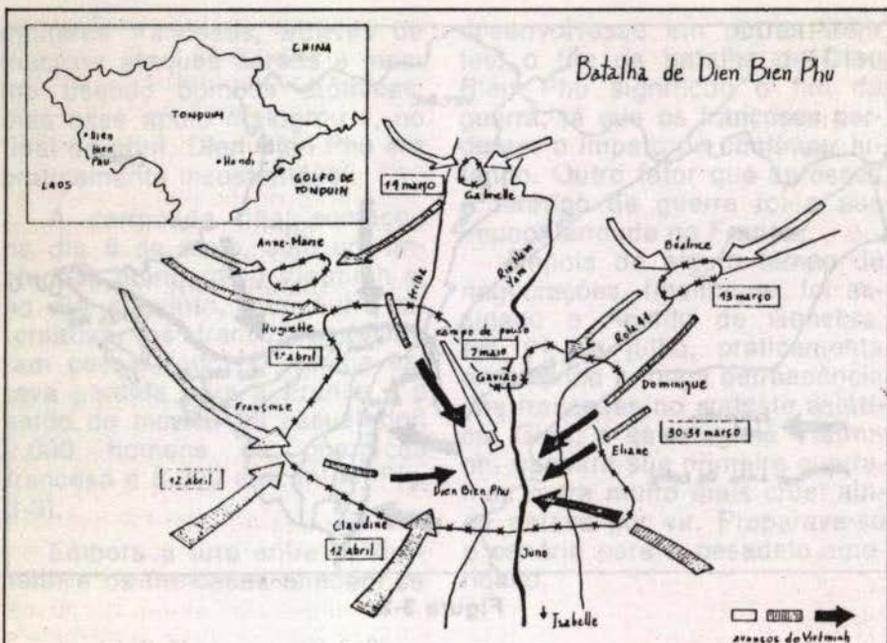


Figura 3-3



Fonte: Enciclopédia Guerra na Paz

Figura 3-4
CRONOLOGIA

- 20 Nov 53 - Franceses retomam Dien Bien Phu em uma operação aeroterrestre, com poucas baixas. São construídas fortificações com nomes de mulheres e é ampliado o campo de pouso existente.
- Nov a Mar - Vietminh reúne meios para o sítio à base fortificada. Fogo esporádico da artilharia Vietminh sobre o campo de pouso e ataques a aviões e helicópteros com fogo antiaéreo. Franceses reforçam sistema defensivo. Incurções de ambos os lados.
- 13 a 15 Mar - Intenso bombardeio Vietminh e ataques com tropas numerosas surpreendem os franceses. Cresce assustadoramente o número de baixas. Caem Béatrice e Gabrielle.
- 15 Mar - Moral da guarnição francesa em decadência. Cel Piroth, Subcmt da base, suicida-se com uma granada.
- 16 Mar - Aumentam as deserções dos tais, aliados dos franceses. Em decorrência, o Cel De Castries, Cmt da guarnição, abandona Anne Marie, incorporando seus remanescentes em Huguette. Campo de pouso inutilizado.
- 24 Mar - Chefiados pelo Ten Cel Langlais os pára-quedistas assumem o comando do Cel De Castries que, entretanto, permanece nominalmente no posto.
- 28 Mar - Criam-se as posições defensivas Gavião e Juno.
- 30 Mar a 1º Abr - Ofensiva Vietminh em Dominique, Eliane e Huguette. Isabelle isolada.
- 10 Abr - Contra-ataque francês em Eliane, com grandes baixas. Cessa o contra-ataque.
- 6 a 7 Mai 54 - Ataque final do Vietminh. A França rende-se às 17:30h.

O PERÍODO ENTRE GUERRAS

Antes de falarmos sobre as conseqüências do Acordo de Genebra é preciso recuarmos mais no tempo, até o início do antagonismo mundo livre X comunismo internacional, materializado ao término da Segunda Guerra Mundial.

Em 1945, enquanto os americanos e britânicos invadiram a Alemanha pelo oeste, os russos fizeram o mesmo pelo leste, já nos estertores do III Reich. A partir daí, Joseph Stálin ampliou a influência da URSS na Europa Oriental, inclusive em metade da própria Alemanha, paulatinamente consolidando a presença soviética e formando uma zona-tampão nas suas fronteiras, sob a alegação da necessidade de proteção contra nova invasão ocidental (os russos haviam sido vítimas dos franceses de Napoleão e dos alemães de Hitler). Por sua vez, os EUA surgiam como líder incontestado do mundo ocidental, tanto no campo econômico quanto no campo militar. "O mundo bipolarizou-se. O urso russo abraçava metade do mundo, do Yalu ao Elba, enquanto as asas da águia americana protegiam o outro hemisfério."⁵

Os aliados ocasionais da Segunda Guerra, russos e americanos, mais amplamente o bloco socialista e o Ocidente, desde então seriam os protagonistas da chamada Guerra Fria. O início dessa hostilidade e

desconfiança mútuas não pode ser precisado, mas se deve, com certeza, ao incontornável conflito entre as teorias marxistas de luta de classes e os ideais democráticos.

Depois de consolidada a revolução comunista, implantada em 1917, a União Soviética passou a expandir seus domínios e somente a partir de 1947, com a Doutrina Truman, é que esse expansionismo começou a ter seu câminho dificultado pelos EUA.

O Presidente Harry S. Truman, que havia substituído Roosevelt, falecido em 12 de abril de 1945, deixou patente ao mundo a determinação dos Estados Unidos de "ajudar os povos livres a manter suas instituições livres e sua integridade nacional contra movimentos agressivos que procurem impor-lhes regimes totalitários".⁶

Por algum tempo o equilíbrio de forças pendeu favoravelmente ao Ocidente, em face de os EUA serem o único país a deter a tecnologia nuclear. Em 1949, dois extraordinários eventos alteraram o fiel da balança: em setembro, os soviéticos realizaram sua primeira explosão atômica, e em novembro, Mao implantou o marxismo na China.

A Guerra Fria foi finalmente institucionalizada com as assinaturas do Tratado do Atlântico Norte (1949) e do Pacto da Varsóvia (1955), desaguadouro natural da ebulição do final da década de 40 e início dos anos 50: conflitos na Grécia, China, Co-

réia, Malásia e Indochina, deflagrados por movimentos comunistas.

Na Indochina, como já vimos, a luta anticolonialista transformou-se numa guerra revolucionária, apoiada pela China de Mao, que culminou com a derrota francesa em Diem Bien Phu e a assinatura do Acordo de Genebra, em 21 de julho de 1954, dividindo o Vietnã. A França e o Vietminh estabeleceram que a Conchinchina e Anam, até o paralelo 17, permaneceriam fora do controle comunista, enquanto que o Camboja e o Laos receberiam independência total. O território controlado por Ho Chi Minh passaria a ser conhecido como Vietnã do Norte.

Ao sul constituiu-se, sob a proteção francesa, o Vietnã do Sul, antes mesmo do encerramento das negociações, tendo o Imperador Bao Dai como chefe de estado. O novo país passou a ser efetivamente governado por Ngo Dinh Diem, nomeado primeiro-ministro, com amplos poderes, embora sem nenhum respaldo popular (um católico governando um povo eminentemente budista). Em 1955, a monarquia seria abolida e Diem instituído como presidente da nova república.

Pouco depois do Acordo de Genebra, foi assinado o Pacto de Manila, em 8 de setembro, constituindo a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTSA), destinada a garantir a segurança na região, face a

ameaça comunista. Foram signatários os EUA, Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, Tailândia e Paquistão; mas a Organização não adquiriu força justamente por contar com poucos países asiáticos e também pela ausência da Índia e da Indonésia, os dois maiores países da região. O Laos, o Camboja e o Vietnã faziam parte da área a ser defendida, mas só constaram de um protocolo adicional.

Na realidade, apenas os EUA tomariam a si a tarefa de defender aquela área, onde já se envolviam desde o término da Segunda Guerra Mundial. O governo do Presidente Dwight D. Eisenhower estabeleceu um plano de ajuda ao Vietnã do Sul, país diretamente ameaçado pelos comunistas, destinado a "desenvolver e manter um Estado forte e viável, capaz de resistir à subversão intentada ou à agressão por meios militares".⁷

Americanos e franceses haviam composto a "Missão de Instrução e Treinamento Militar" mas, já em 1955, os franceses encerraram seu programa de ajuda ao Vietnã do Sul, permanecendo esses encargos apenas com os americanos.

A conquista do Vietnã do Sul, pelo Vietnã do Norte, começou imediatamente após a divisão no paralelo 17. Milhares de pessoas, na sua maioria católicos, deixaram o Norte, refugiando-se no Sul, do que se aproveitou Ho Chi Minh para infiltrar seus agentes, que passa-

ram a dar nova organização às aldeias e formar pequenos grupos guerrilheiros clandestinos, no mesmo processo que já havia tido sucesso na China e no Vietnã do Norte.

O governo Diem, além da oposição dos comunistas, contava também com a ameaça de duas poderosas seitas religiosas — a Cao Bai e a Hoa Hoa, ambas com exércitos próprios — bem como do Binh Xuyen, sindicato do crime que controlava a polícia de Saigon. Desbaratando, em 1955, o Binh Xuyen e as seitas que a ele haviam se aliado, Diem ganhou força e retardou a ação dos comunistas, além de ter conseguido a reafirmação do apoio da Casa Branca, já inquieta com a corrupção e ineficiência que vinham caracterizando seu governo. Entretanto, adotou uma política antibudista e continuou a agir como um mandarim ditatorial, aumentando sua impopularidade. Criou, assim, condições para a proliferação das organizações subversivas e a intensificação de campanhas terroristas, que atingiram o auge em 1957.

Dois anos depois, em 1959, morreram os primeiros americanos no Vietnã, vítimas da incur-

são de comunistas sul-vietnamitas à sede do destacamento de consultoria dos EUA, próximo a Saigon. Nessa época, o número de americanos no Vietnã ainda não atingia 400.

Em 1960, foi criada a Frente de Libertação Nacional (FLN) do Vietnã do Sul, tutelada pelos comunistas de Hanói, que intensificou as ações subversivas. Apesar de tudo, o Vietnã nem constava de uma lista, preparada pelos assessores de Kennedy, sobre as crises possíveis de serem esperadas em 1961, primeiro ano de seu governo.

BIBLIOGRAFIA

1. John G. Fowler Jr, "Coesão de Combate no Vietnã", *Military Review*, 2º trim. 80, p. 29.
2. Ralsh G. Martin, "Os últimos Dias de Kennedy — O Pesadelo do Vietnã", encarte da Revista *Manchete*.
3. "O Senhor da Guerra", *Enciclopédia Guerra na Paz*, vol. 1, p. 259.
4. "A Guerra da Indochina", *Enciclopédia Grandes Fatos do Século Vinte*, vol. 3, p. 556.
5. Lewis A. Tams, "Influência da Geopolítica na Política e na Estratégia das Grandes Potências", *A Defesa Nacional*, Jul/Ago — 80, p. 147.
6. Gen Curtis E. Le May e Maj Gen Dale O. Smith, "USA em Perigo", p. 239 (BIBLIEX).
7. Idem, p. 243.



ANTONIO SERGIO GEROMEL – Capitão do Exército. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras (1974) e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1984), além do Curso de Técnica de Ensino, do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, do Ministério da Marinha (1980). É bacharel em Ciências Econômicas pelas Faculdades Unidas Católicas de

Mato Grosso, Campo Grande, MS. Exerce, atualmente, o comando da 14ª Companhia de Comunicações.